

## Das «Cantigas de Santa Maria» ao «Flos Sanctorum» em português, de 1513

Se o leitor deseja conhecer a árvore genealógica da *História da Imperatriz Porcina*, arme-se de boa vontade e leia, por exemplo, Luís da Câmara Cascudo, *História da Imperatriz Porcina. Crónica de uma novela do século XVI, popular em Portugal e no Brasil* (Lisboa, 1952). Vale a pena beber a sabedoria neste rio claro, em torno duma lenda que, em verso e prosa, entrou em Gautier de Coinci, nas «patranhas» de Timoneda, no latim de Vicente de Beauvais e em vários idiomas: francês, castelhano, português, norso, italiano, holandês, etc. Em versos rítmicos latinos, basta abrir a colectânea *Stella Maris*, de John of Garland, no milagre 14: *De imperatrice romana quam ipsa Virgo salvavit*:

Imperatrix acusata  
Rome fuit et dampnata  
    Livoris aculeo.  
Lepras curat, pauper vixit,  
Virgo clemens, ut predixit,  
    Effectu gramineo<sup>1</sup>.

Imperatriz sem nome, nalguns casos. Noutros, chamam-lhe Hildegarda, Crescência e Florência, formando um ciclo literário não alheio, talvez, a certas passagens dos escritos pseudo-clementinos<sup>2</sup>. Câmara Cascudo vinca mais as origens orientais, como veremos, tese esta que não se opõe à de Evelyn Faye Wilson, que anotou a edição já citada da *Stella Maris*. Quanto aos nomes da

---

<sup>1</sup> *The «Stella Maris» of John of Garland* (Cambridge, Massachusetts, 1946), ed. por Evelyn Faye Wilson, p. 109.

<sup>2</sup> *Ib.*, pp. 169-170.

imperatriz, não devemos também esquecer o de Beatriz e Porcina. Porém, vamos por partes.

Deixando as versões de Étienne e Gobius, temos as páginas de Vicente de Beauvais, no *Speculum Historiale*<sup>3</sup>. Aqui, no segundo caso apontado, a bela imperatriz recusa voltar para o imperador e pede ao papa que a deixe entrar num mosteiro. E o mesmo acontece em Gautier de Coinci e depois em Afonso X, o Sábio, nas *Cantigas de Santa Maria*:

Ensi de la main l'apostoile  
Beneiçon et froc et voile  
Reciut la sainte empereris<sup>4</sup>.

Só que Gautier de Coinci alonga e prolonga este *milagre* da Virgem Maria<sup>5</sup>, relativamente breve em Vicente de Beauvais e em Afonso X. E quem não conhece os versos da *História da Imperatriz Porcina* (Lisboa, 1660), do cego madeirense Baltasar Dias, tantas vezes reimpressa?:

No tempo do Imperador  
que Lodonio se dizia  
que a gran' Cidade de Roma  
e seu imperio regia,  
casado com a Imperatriz  
que Porcina nome havia,  
por suas muitas virtudes,  
formosura e valia,  
como Princeza que era  
filha do Grão Rei de Ungria,  
tinha este Imperador  
consigo em companhia  
hum irmão por nome Albano  
que elle muito queria,  
por razão do parentesco —  
o maior que ser podia<sup>6</sup>.

Baltasar Dias vivia dos folhetos de cordel. Os seus autos agradavam ao povo e até a *História da Imperatriz Porcina*, apesar de mais destinada ao canto recitativo do que ao palco, resistiu ao desgaste

<sup>3</sup> *Op. cit.*, Liv. VII, caps. 90-92.

<sup>4</sup> GAUTIER DE COINCI, *Les Miracles de Nostre Dame*, t. 3 (Genève, 1966) p. 446.

<sup>5</sup> *Ib.*, pp. 303-459.

<sup>6</sup> BALTASAR DIAS, *Autos e Trovas* (Funchal, 1961) p. 53. Ed. e prefácio de Alberto F. Gomes.

dos longos anos, subiu ao palco e ainda se representava em 1950, (e seguramente depois) no norte de Portugal, por exemplo em Duas Igrejas<sup>7</sup>, e nos Açores, donde passou aos Estados Unidos: *Verdadeira História da «Imperatriz Porcina», versada pelo cantor popular José Ignacio Farias*, editada em Fall River<sup>8</sup>.

Abre por uma *loa* explicativa, destinada a ser entoada pelo «apresentador» ou «cronista». E à maneira medieval e do povo, a obra sofre mudanças e interpolações, apresentando muitas rubricas alheias ao texto de Baltasar Dias, rubricas essas destinadas a fazer entrar as personagens e a guiar a representação: *Vem o Rei e a Rainha, diz o Rei;..... Retiram, vem a Imperatriz e duas donzelas, diz a Imperatriz; ..... Diz a 1.ª Donzela; etc.* Ou então: *Diz o Duque; ..... Faz-lhe uma vénia e retira-se. Senta-se o Imperador e Albano; vem o Duque e o Embaixador, fazem uma vénia e diz o Embaixador; etc.* E mais adiante: *Deita-se. Vem Albano com alegria e sagacidade, desfazendo-se, e diz; ..... Vai ter com a Imperatriz. Abre a porta ao mesmo tempo que ela se ergue despida e descalça. Vendo-o, estremeceu com assombro e vergonha, cobre-se com um roupão e põe-se em pé, turbada. Albano, entrando, vai para beijar a mão (ela não consente) e diz-lhe.*

Diz-lhe o quê? O que diria qualquer sedutor no lugar dele: que gosta muito dela e que está disposto a matar o irmão e a casar com a imperatriz!

Noutros casos, a *História da Imperatriz Porcina* ficava na sua forma essencial, para os cantadores sertanejos do Brasil declamarem nas feiras, neste ou naquele tom, com alguns cortes, uma breve introdução, em lugar da introdução original, demasiado comprida, e um ou outro breve acrescento a aumentar a extensão da «estória»:

Nesse romance se ver  
quanto é vil a falsidade,  
nunca triunfou na vida  
quem usasse da maldade,  
de acordo com sua ofensa  
terá ele a recompensa  
da sua preversidade<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> *Ib.*, p. IX.

<sup>8</sup> J. LEITE DE VASCONCELOS, *Teatro Popular Português*, t. 3 (Universidade de Coimbra, 1974) pp. 311-405. Coordenação e notas de A. Machado Guerreiro.

<sup>9</sup> *Literatura Popular em Verso. Antologia*, t. 1 (Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1964) p. 101.

Os *trovadores de chapéu de coiro*, como lhes chama Ariano Suassuna, gozavam de certa liberdade, até na gramática: *Nesse romance se ver...* Mas tanto eles como Baltasar Dias concordam em não meter a imperatriz no mosteiro. E a versão brasileira acaba assim:

Porcina e o imperador,  
crentes na religião,  
todo mês com muita fé  
faziam uma procissão  
em homenagem ao senhor  
o santo pai redentor,  
e à Virgem da Conceição.

Viveram mais muitos anos  
na maior felicidade,  
no mais puro e santo amor  
sempre cheios de bondade  
e mui velhinhos já estavam  
quando os anjos lhes chamavam,  
pra viver na eternidade

«Nas versões europeias, escreve Câmara Cascudo, o marido da heroína é sempre Imperador ou Rei e sua mulher reage inicialmente prendendo o cunhado amoroso. Há participação de fidalgos e a intervenção da Virgem, dos Santos e dos Anjos. O remédio salvador é uma indicação divina, na quase totalidade dos casos. Há, entretanto, exemplos da rainha aprender o segredo medicamentoso de maneira natural, como na versão do *Gesta Romanorum* que W. Dick publicou. Vemos que o espanhol Juan de Timoneda também dispensou o registo sobrenatural da sua *Patraña XXI*, no Séc. XVI. O marido da heroína é sempre o imperador de Roma, Octaviano, no *Gesta Romanorum* continental, e Menelau, Merelau, Meneli, Geroslau, na versão britânica. Os eruditos crêem que a colecção insular é mais antiga. Decorrentemente mais próxima ao longínquo modelo oriental da portuguesa *Imperatriz Porcina*»<sup>10</sup>.

Oriental, porquê? Por andar em versões asiáticas dum original indiano, agora perdido, tendo assombrado a Europa, no Séc. XVII, graças à obra *Mille et un jours*, de Pétis de la Croix (†1695). Porém, talvez já no Séc. XI, penetrara na Europa essa lenda oriental, embora com variantes. E foi na Europa que ela se dividiu em dois grandes ramos. Um deles primeiramente em latim

<sup>10</sup> LUÍS DA CÂMARA CASCUADO, *História da Imperatriz Porcina. Crónica de uma novela do século XVI, popular em Portugal e no Brasil* (Lisboa, 1952) p. 51.

e depois no francês poético de Gautier de Coinci «que se traduziu em galego e deu fonte à cantiga do Rei Afonso X de Castela»<sup>11</sup>.

Se a obrzinha poética del-rei Afonso X veio directamente de Gautier de Coinci, nem que fosse através de qualquer tradução por extenso, muito foi o seu trabalho ou do seu colaborador, para resumir a estóia nos 185 versos da cantiga n.º 5: *Esta é como Santa Maria ajudou a Emperatriz de Roma a sofre-las grandes coitas per que passou*. Em Gautier de Coinci, na verdade, os versos são mais curtos. Mas chegam a 3980! No entanto, a lenda é substancialmente igual. Com esta diferença, nas *Cantigas de Santa Maria* a imperatriz chama-se Beatriz, em homenagem a Beatriz da Suábia, mãe de Afonso X, o Sábio. Assim pensam os eruditos, entre eles Câmara Cascudo. Pode ser. O que os eruditos não dizem, parece-nos, é que esta lendária «santa» Beatriz passou ao *Flos Sanctorum* do cisterciense castelhano Frei Gauberto, no final de quatrocentos, e daí ao *Flos Sanctorum*, em português, de 1513. E aqui temos a flor nova que desejaríamos acrescentar ao formoso ramalhete da obra escrita por Luís da Câmara Cascudo.

Nas *Cantigas de Santa Maria*, depois do título e do refrém, a sobredita poesia n.º 5 abre deste modo:

E desto vos quer' eu contar, segund' a letra diz,  
un mui gran miragre que fazer quis pola Emperatriz  
de Roma, segund' eu contar oy, per nome Beatriz,  
Santa Maria, a Madre de Deus, ond' este cantar fiz,  
que a guardou do mundo, que lle foi mal joyz,  
e do demo que, por tentar, a cuydou vencer.  
*Quenas coitas deste mundo ben quiser sofrer...*

Esta dona, de que vos disse ja, foi dun Emperador  
moller; mas pero del nome non sei, foi de Roma sennor  
e, per quant' eu de seu feit' aprendi, foi de mui gran valor.  
Mas a dona tant' era fremosa, que foi das belas flor  
e servidor de Deus e de sa ley amator,  
e soube Santa Maria mays d'al ben querer.  
*Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...*

Aquest' Emperador a sa moller queria mui gran ben,  
e ela outrossi a el amava mais que outra ren;  
mas por servir Deus o Enperador, com' ome de bon sen,  
cruzou ss' e passou o mar e foi romeu a Jherusalen.  
Mas, quando moveu de Roma por passar alen,  
leyxou seu irmão e fez y gran seu prazer.  
*Quenas coitas deste mundo ben quiser sofrer...*

<sup>11</sup> *Ib.*, p. 40.

Deixou o irmão em Roma e disse à imperatriz que o recebesse por filho, nem tivesse acanhamento algum em dar-lhe bons conselhos.

Embarcou o imperador, a caminho da Terra Santa. Ora, o irmão dele, entretanto, apaixonou-se pela imperatriz e disse-lhe que gostava dela. A «santa dona», então, meteu-o na cadeia, jurando «que o faria y morrer».

Dois anos e meio esteve o imperador na cidade de Acre e muitas vezes percorreu as terras em torno de Jerusalém. Antes de voltar para Roma, avisou a imperatriz e esta soltou o cunhado. E que fez ele? Atraçou-a! Sem se despedir da imperatriz, foi ter com o imperador, mal vestido e de barbas e cabelos compridos. Que acontecera?, perguntou-lhe o imperador. — Ora, senhor, foi a imperatriz que fez tudo para eu com ela proceder mal!

Tão grande foi o desgosto do imperador que caíu do palafrém. Montou de novo e cavalgou na direcção de Roma. Ao ver a imperatriz, deu-lhe uma punhada no rosto e mandou-a matar por dois monteiros. E os monteiros, «segund' eu aprendi», levaram-na a um monte e combinaram fazer dela o que muito bem quisessem. Ela, porém, chamou por Nossa Senhora e logo apareceu um conde que das mãos deles a livrou. Levou-a o conde para casa, a fim de lhe criar o filho. Mas eis senão quando o irmão do conde, homem refalssado e «sandeu», também por ela se apaixonou. Ante a negativa, que fez ele? Certa noite, matou a criança e pôs a faca na mão dela, para a culpar. E não só isso, pois atirou todas as suspeitas para cima dela. Queimem-na!, diziam uns. Cortem-lhe a cabeça!, gritavam outros. Por fim, entregaram-na a um marinheiro da Síria, para ele a afogar nas ondas.

Meteu-a no barco o marinheiro e disse-lhe que lhe fizesse a vontade, pois só teria a ganhar com isso. Negou-se ela e rezou a Santa Maria. Então, uma voz do Céu ordenou ao marinheiro: Tira as mãos de cima dela porque, senão, morres!

Disseram os marinheiros: Já que Deus não nos deixa levar a cabo o nosso desejo, vamos deixá-la naquela penha, onde terá de sofrer muito antes de morrer. O mar não a deixou em paz e a imperatriz, que era de grande coração e já muito padecera, tornou-se negra como pez, à força de fome e do sofrimento das águas. Ora, estando ela a dormir, apareceu-lhe a Mãe de Deus, matou-lhe a fome e deu-lhe uma erva com a virtude de curar os *gafos* (leprosos).

Acordou a «santa dona» sem fome, como se ela sempre tivesse comido carne e pão. Viu a erva debaixo da sua cabeça e disse: Mãe de Deus! Bem-aventurados são os que em ti confiam, pois nunca lhes faltará a tua ajuda, se agradecidos forem.

Eis senão quando, viu passar, ali perto, uma nau cheia de peregrinos, gente boa, sem mouros nem judeus. Com muitas lágrimas, pediu-lhes que a levassem e eles acolheram-na dentro da barca. Ora, quando o navio aportou «na foz de Roma», arriaram a vela, gritando: *Ayoz!* Isto é: Deus! Mandou o mestre da nau a um dos seus homens que cozesse um pouco de peixe e carne. Entretanto, a imperatriz curou um gafo. Correu a fama deste caso e apareceram muitos outros, mais de mil! Um deles era o irmão do conde. Antes da cura, teve, porém, de confessar o pecado que fizera contra a imperatriz, pois vilmente a caluniara. Então, o conde e a condessa prantearam a «gentil dona», manhosamente atraíçoada.

Muitos gafos sarou naquele mês a imperatriz, sem nada receber. Também fez muitas romarias e acabou por chegar a Roma, a ver o imperador. Pediu-lhe este que lhe curasse o irmão leproso e prometeu-lhe grandes bens. E a «dona» respondeu: O vosso irmão há-de curar-se. Contudo, irá primeiro contar os seus pecados ao Papa, diante de vós.

Assim fizeram. Nunca o imperdor soubera de traição tão grande e, com pena, começou a rasgar os vestidos. A imperatriz principiou a chorar e disse: Não me importa que saibais ser eu aquela a quem fizestes tão grande injustiça. Daqui em diante, quero servir a Santa Maria, que é luz e nunca me faltará. Por mais que o imperador lhe pedisse, nunca ela quis voltar para ele. Não, ela não ficaria no mundo, por S. Dinis!, nem vestiria panos de seda nem peliças. Construiria uma cela à maneira de Paris e nela se encerraria, para mais aborrecer o mundo!

Ora bem, no t. 2 (Madrid, 1915) do *Cancionero Castellano del Siglo XV*, editado por R. Foulché-Delbosc, vem o *Razonamiento de Fray Gauberte, del monge con el cavallero sobre la vida venidera*. Este Frei Gauberto, como vem no português do *Flos Sanctorum* de 1513, era cisterciense e a ele pertence um *Flos Sanctorum* em espanhol, com a paixão de Cristo antes do santoral e bastantes acrescentos hagiológicos, no fim, alguns deles de grande interesse para Espanha e Portugal. No português e no castelhano, chamam-lhes santos «extravagantes», à maneira das leis «extravagantes». Por sinal que ali fala já de trasladação de «sant Vitores», em 1478. O título do

*Flos Sanctorum* de Frei Gauberto, em castelhano, abre deste modo: *Comiença la leyenda<sup>12</sup> delos sanctos, la qual se llama hystoria lonbarda. E primeramente delas festividades que corren despues del tiempo que fue la ley renovada. El qual representa la yglesia dende el aviento fasta navidad. E comiença la primera leyenda que es del aviento. E puesto que se llame este libro segun arriba havemos dicho hystoria lombarda, empero comun e vulgarmente se llama flos sanctorum porque aqui no está asi por entero las vidas e hystorias delos sanctos como enel vitaspatrum, mas está lo mas escogido e la flor de cada vida.*

A versão portuguesa, impressa em 1513 e adaptada ao nosso meio, quer dizer, com alguns santos do nosso calendário e supressão doutros, reza da mesma maneira, quanto ao título que lemos depois da Paixão: *Aqy se começa a leenda dos sanctos, a qual se chama estoria lombarda. E primeiramente das festas que ocorrem despoys do tempo que foy a ley renovada, a qual representa a ygreja do advento atee natal. E começa se a primeyra leenda que he do advenio. E posto que se chame este livro, segundo emçima dissemos, estoria lombarda, empero comuñmente se chama flos sanctorum, porque aqui está a ffrol das vidas dos sanctos.*

Há anos comparámos a trasladação portuguesa com o original espanhol de Frei Gauberto<sup>13</sup>. Fizemo-lo à base dum exemplar do Museu Britânico, que Henry Thomas afirma ter sido impresso à volta de 1500<sup>14</sup>. Analisámos também a gestação de tal obra, derivada da *Legenda Aurea*, de Jacobo de Vorágine, e resumimos a vida algo inquieta do cisterciense Frei Gauberto Fabrício de Vagad. Nascido em Saragoça no primeiro quartel do séc. xv, foi porta-bandeira de D. João de Aragão (arcebispo de Saragoça e irmão de Fernando o Católico), professando mais tarde no mosteiro de Santa Fé. Foi ele quem escreveu, por comissão oficial, a crónica dos reinos de Aragão, Valência e outros, num grande tomo inédito, «de letra esquinada»<sup>15</sup>.

Posto isto, passamos à história da imperatriz, a quem el-rei D. Afonso X pôs o nome de Beatriz. Afonso X, ou qualquer outro no lugar dele, pois tinha colaboradores e podia até lançar mão

<sup>12</sup> No texto, *leyendo*.

<sup>13</sup> MÁRIO MARTINS, *O original castelhano do Flos Sanctorum de 1513*, em «Brotéria», t. 71 (Lisboa, 1960) pp. 585-594.

<sup>14</sup> HENRY THOMAS, *Short-title Catalogue of Books printed in Spain and of Spanish Books printed elsewhere in Europe before 1601 now in the British Museum* (Londres, 1921) p. 45.

<sup>15</sup> LATASSA, *Bibliotecas Antigua e Nueva de Escritores Aragoneses*, t. 3 (Saragoça, 1886) pp. 301-304, em *Vagad* (P. D. Gualberto Fabricio de).

duma lenda já a correr, em prosa galega ou castelhana, carregando já o nome de Beatriz: *De un emperador de Roma e de la vida que fizo su muger sancta Beatriz*. Assim reza o título do *Flos Sanctorum* de Frei Gauberto. Vamos dar o começo e o fim destas 9 colunas, em gótico redondo e maior do que os caracteres da tradução portuguesa:

«Avia en Roma un enperador el qual tenia una muger de sancta vida, que avia nombre Beatriz; este emperador fizo boto de romeria a Jerusalem e vino ha consultar su partida con la emperatriz su muger e ordenaron que, en tanto que el fuese a su romeria, que todo el imperio obedesciese a elle e a un su hermano del. Esto asi acordado, fablo el enperador con su hermano sobre ello e mandole que fiziese el mandado dela emperatriz e fablo con los de la cibdad»<sup>16</sup>.

Em substância, vai seguindo a história como nas *Cantigas de Santa Maria* e termina deste modo: «E ella diole a beber la yerva e luego fue sano. E dixo ella al emperador: señor sepas que yo soy aquella tu muger la emperatriz; e el fue maravillado e alegrose mucho con ella e queriendola levar pera el palacio, ella dixo que no queria ir alla, mas que rogava al papa e a quantas compañías ay estavan que le quisiesen dar un habito, que se queria meter en una orden por servir al mayor señor; y el papa mandogelo dar; la qual es agora santa en la corte delos cielos con los santos escogidos de Dios»<sup>17</sup>.

Este final far-nos-ia duvidar um pouco da origem de tais páginas e levar-nos-ia a pensar que talvez elas e a cantiga n.º 5 tivessem uma raiz diferente. Com efeito, a cantiga fala-nos dumam cela de reclusa, ainda por construir, enquanto o *Flos Sanctorum* de Frei Gauberto (e a sua versão portuguesa, claro) se refere a uma ordem religiosa, sem falar em construção nenhuma. Além disso, o *Flos Sanctorum* acrescenta que Beatriz morrera depois e está agora na corte celeste. Afonso X também não fala da ordem do imperador ao povo da cidade, para todos obedecerem à imperatriz e ao irmão dele, enquanto durasse a peregrinação. Nas *Cantigas de Santa Maria*, a imperatriz, logo à primeira tentação do cunhado, prendeu-o numa «torre». No dito *Flos Sanctorum*, Sta. Beatriz calou-se discretamente, viu daí a dias que ele voltava à carga e só então

<sup>16</sup> *Leyenda delos sanctos* (sem portada nem cólofon, neste exemplar), impresso à volta de 1500, fl. 244 v.

<sup>17</sup> *Ib.*, fl. 247.

consultou secretamente alguns homens-bons da cidade e concordaram todos em metê-lo na cadeia, com escândalo do povo que nada sabia. Além disso, ao saber da volta do imperador, Sta. Beatriz, para evitar desgostos ao marido, resolve soltar o cunhado e pede-lhe para ele se calar. E deu-lhe até belos vestidos, que aliás ele pôs de parte. Estas bem intencionadas manobras da imperatriz, em vão as procuramos nas *Cantigas de Santa Maria*. E assim por diante, por exemplo os três motivos que levaram o irmão do imperador a queixar-se de Sta. Beatriz. E mais diferenças, ainda. O conde, nas *Cantigas de Santa Maria*, entrega Sta. Beatriz aos embarcações, para a afogarem no mar. Mas no *Flos Sanctorum*, ordenou que a lançassem numa ilha, para ela morrer ali de fome. E não houve tentativa do marinheiro para a violentar, ao contrário da cantiga n.º 5. Etc.

O *Flos Sanctorum* em português (Lisboa, 1513) contém a mesma lenda *De huũ emperador e da vida que fez sua molher Sancta Briatiz*, sem diferenças do castelhano que de notar sejam: «Em Roma avia huũ emperador que tinha huũa molher de sancta vida que avia nome Briatiz. E este emperador fez voto de romaria a Jherusalem e veo a consultar sua partida com ha emperatriz sua molher e hordenou que emquanto elle fosse a sua romaria que obedeçesse o imperyo a ella e a huũ hirmaão delle. Esto assy acordado, fallou o emperador com seu irmaão sobre ello e mandou lhe que obedeçesse aa emperatriz como a elle e assy disse aos da çidade»<sup>18</sup>.

Vai seguindo a história em linhas paralelas e chegamos ao final, também igual: «E ella deu lhe a beber a herba e logo foy saão. E disse ella ao emperador: Saybas por certo que eu som aquella tua molher a emperatriz; e elle foy muyto maravilhado e alegrouse muito com ella e querendoa levar pera o paaço. E ella disse que nom queria hir la, mas que rogava ao papa e a quantas companhas hy estavam que lhe quisessem dar huũ habito, que se queria meter em hũa ordem por servir ao mayor senhor, e o papa mandoulho dar. A qual he agora sancta na corte dos çeeos com os sanctos escolhidos de Deus»<sup>19</sup>.

Mais pitoresca e com mais pormenores do que a cantiga n.º 5, a «leyenda» inserida por Frei Gauberto no seu *Flos Sanctorum*, ou nele mantida, tem de comum o nome de Beatriz, como traço de união

<sup>18</sup> *Ho flos sanctorum em lingoajem portugues* (Lisboa, 1513) fl. 189.

<sup>19</sup> *Ib.*, fl. 190v.

às *Cantigas de Santa Maria*. Homenagem, talvez, de Afonso X ou doutro poeta a Beatriz da Suábia? É uma hipótese, sobretudo para o caso de ser Afonso X o primeiro a dar o nome de Beatriz à heroína da «lenda». Porém, a narrativa, em prosa, do *Flos Sanctorum* de Frei Gauberto, pode não vir da cantiga do Rei Sábio, por a narrativa de Frei Gauberto ser mais rica e complicada em pormenores. Talvez haja uma fonte comum, desconhecida por nós, já com o nome de Beatriz. E este nome (porque não?) talvez correspondesse a Beatriz de Borgonha († 1184), também ela parente de Afonso X, de tempos mais recuados e casada com o imperador Frederico Barba-Roxa. Corria a fama das suas virtudes, formosura e dedicação ao marido. Este abalou para a Terra Santa, é certo, depois de Beatriz morrer. Além disso, não voltou vivo daquelas paragens. Porém, a alguma distância, os poetas não se preocupavam muito com a cronologia. Havia o nome de Beatriz, havia uma cruzada e havia também o que se contava da vergonha enorme por que passou a boa imperatriz. Com efeito, os habitantes de Milão, dizia-se, tinham levado pelas ruas da cidade a bela senhora, em cima duma burra e voltada para trás, donde nasceu uma vingança terrível de Frederico Barba-Roxa, conforme se dizia. É uma hipótese que deixamos aos mais sábios do que nós.

Seja como for, na Península Ibérica, temos a imperatriz Porcina transformada em Beatriz, nas *Cantigas de Santa Maria*. E metida a sério no *Flos Sanctorum* de Frei Gauberto, quer em castelhano quer na adaptação portuguesa.

MÁRIO MARTINS